



## OUTRAS PRÁTICAS, OUTRAS TEORIAS

*OTHER PRACTICES, OTHER THEORIES*

*OTRAS PRÁCTICAS, OTRAS TEORIAS*

TEORIAS E MÉTODOS NO CAMPO AMPLIADO

**Coordenador(es)**

**POLIZZO, Ana Paula**

Doutora em História Social da Cultura pela PUC-Rio; FAU UFRJ  
polizzo@fau.ufrj.br

**KAMITA, João Masao**

Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela FAUUSP; PUC-Rio  
masao@puc-rio.br

**Trabalho 1**

**MESSINA, Rodrigo**

**PROJETAR PELO MEIO**

Mestre em Filosofia; IEB USP  
roqmessina@gmail.com

**RIVAS, Francisco**

**PROJETAR PELO MEIO**

Arquiteto e urbanista; UNC Cordoba  
franjavrivas@gmail.com

**Trabalho 2**

**BRAGA, Bruno Melo**

**PERSISTÊNCIAS LATINO-AMERICANAS: CENTRO DE VISITANTES BANCO DOS CAJUAIS**

Mestre em Arquitetura pelo PPGAU+D-UFC; DAUD-UFC  
brunobraga@ufc.br

**CATTONY, Luiz**

**PERSISTÊNCIAS LATINO-AMERICANAS: CENTRO DE VISITANTES BANCO DOS CAJUAIS**

Mestre em Arquitetura pelo PPGAU+D UFC; Unifametro  
luiz@redearquitetos.com

**DE MENESES, Bianca Feijão**

**PERSISTÊNCIAS LATINO-AMERICANAS: CENTRO DE VISITANTES BANCO DOS CAJUAIS**

Mestra em Arquitetura e Urbanismo pelo NPGAU/UFMG, UFMG  
biancafmeneses@gmail.com



### **Trabalho 3**

**CALAFATE, Caio**

**GRUA: PROJETO E PESQUISA**

Doutor em Design pela ESDI-UERJ; PUC-Rio

caio@gruaarquitetos.com

**VARELLA, Pedro**

**GRUA: PROJETO E PESQUISA**

Mestre em Arquitetura pelo PROARQ UFRJ; FAU UFRJ

varella@gruaarquitetos.com

### **Trabalho 4**

**POLIZZO, Ana Paula**

**NARRATIVAS LATINOAMERICANAS: PENSAR COM AS PRÁTICAS**

Doutora em História Social da Cultura pela PUC-Rio; FAU UFRJ

polizzo@fau.ufrj.br

### **Trabalho 5**

**KAMITA, João Masao**

**O PROJETO COMO TROCA CULTURAL**

Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela FAUUSP; PUC-Rio

masao@puc-rio.br



## OUTRAS PRÁTICAS, OUTRAS TEORIAS

Passado o tempo dos grandes heróis da arquitetura e do autor como centro do universo, da crença irrefutável no progresso tecnológico, da vocação milenarista e positivista do projeto para mudar a face do real e da defesa da autonomia da arquitetura, constatamos que estamos passando por um período de revisionismos generalizado. Tudo parece estar em questão, e até mesmo as referências tradicionais não se demonstram mais operativas. No Brasil observa-se que nos últimos anos, debates identitários e contestações decoloniais, por exemplo, têm impactado de sobremaneira as pesquisas e discussões no âmbito da arquitetura e do urbanismo, deslocando interesses e tensionando cânones.

Não obstante, um dos questionamentos mais radicais, porque compromete sua própria razão de ser, seria o da crise climática – ou das mutações ecológicas para Bruno Latour – causada pelo sistema econômico capitalista e pelo estilo de vida moderno dele decorrente. As cidades e a arquitetura como um todo seriam um dos grandes agentes de exploração, transformação e superação da Natureza. Impondo cada vez mais tecnologias de artificialização da vida ao custo de um consumo energético incomensurável, a persistência desse modelo, no ritmo que segue levará à catástrofe irrevogável. Melhor seria um “futuro” sem cidade e sem arquitetura, tal como as conhecemos e praticamos. Sem dúvida, uma atitude bastante apocalíptica, que leva ao desespero e à paralisia.

Este simpósio pretende entrecruzar vias, interseccionar caminhos variados, assumindo o viés de experimentalismos teóricos e práticos como possibilidade de enfrentamento dos dilemas atuais que colocam a disciplina da arquitetura em questão como há muito não se via. Apesar de reconhecer e valorizar formas de resistência ao projeto moderno ou formas de revisionismos críticos à historiografia modernista esta mesa opta, deliberadamente, por uma via mais propositiva, ao tentar expor modos de *pensar-fazer* arquitetura e cidade que incorporem produtivamente os impasses contemporâneos.

Sem almejar respostas grandiloquentes – e muito menos pretensamente definitivas – este simpósio acolhe de bom grado as tentativas parciais, os encontros provisórios, as ações (ou práticas) do tempo curto, a hipótese incerta, o ensaio como pesquisa, enfim, se inclina mais em acatar “modestas” atitudes propositivas em arquitetura, ao invés de se deter apenas na condenação generalizada das histórias hegemônicas modernas, etnocêntricas, europeístas e tudo o mais.

As reflexões propostas por esta Sessão Temática foram mobilizadas por algumas inquietações:

- como o campo da arquitetura (já abarcando e reposicionando, inclusive, a noção de “campo ampliado” preconizada por Anthony Vidler na virada do milênio, e que se coloca como ideia estruturante deste eixo temático) tem enfrentado os desafios impostos pela contemporaneidade?
- como os debates e as pautas contemporâneas têm atravessado e afetado o campo da arquitetura e do urbanismo de forma crítica, propositiva e não paralisante?





- quais entrecruzamentos (disciplinares, teóricos, metodológicos, culturais, de saberes) e tensionamentos possíveis para uma prática inquieta e crítica?

- como a história, a teoria e a crítica da arquitetura se reposicionam frente aos novos desafios, se alimentando das próprias práticas e fornecendo insumos para os próprios desdobramentos destas?

Motivados por estas inquietações, a sessão livre intitulada “Outras Práticas, Outras Teorias” vinculada ao eixo temático “Teorias e Métodos no Campo Ampliado” pretende entrecruzar práticas e pensamentos distintos, promovendo o encontro de pesquisadoras/es-arquitetas/os (e arquitetas/os-pesquisadoras/es) de diversas instituições (UFRJ, PUC-Rio, USP, UFC) que apresentam abordagens de atuação distintas diferentes regiões/cidades do país ou mesmo da América Latina.

Para tal, a composição da mesa seria, desde já, um reexperimento: a *encruzilhada* como abertura de um campo de possibilidades (RUFINO, 2019), em que arquitetas/os projetistas – contribuindo com novos procedimentos / novas práticas – e críticos e historiadores de arquitetura – contribuindo com novas leituras – podem se colocar a aproximar seus modos de *atuar e pensar*. Ainda que mantendo um eixo de orientação comum – *outras práticas, outras teorias* –, e um recorte geográfico de interesse também comum – a *América Latina* como território de experimentação – a pluralidade das reflexões expostas se desdobra na diversidade das abordagens propostas para esta sessão temática.

Através de uma abordagem metodológica, a primeira comunicação, “Projetar pelo meio” problematiza e tensiona a noção de “meio” em seus múltiplos desdobramentos e compreensões possíveis para a prática projetual, entendendo o processo (sua contingência e as intercorrências dele provenientes) como um desafio a ser incorporado e não renunciado.

A partir da abordagem mais específica e aprofundada de uma obra, o Centro de Visitante Banco dos Cajuais, localizado na Praia de Picos em Icapuí (Ceará), a segunda comunicação “Persistências Latino-americanas: Centro de Visitante Banco dos Cajuais” relata o próprio processo do projeto e extrai dele questões e problemáticas que se mostram, ao mesmo tempo, notadamente específicas a ela, mas que podem ser pensadas de forma mais ampla como chaves possíveis para o enfrentamento de desafios sociais e econômicos que atravessam a realidade latino-americana.

Já a terceira comunicação “Grua: Projeto e Pesquisa” desdobra uma maneira de atuar que é fruto do tensionamento gerado entre Pesquisa, Ensino e Projeto, mostrando um interesse prático em explorar a ideia do *projeto como pesquisa* e a *pesquisa como projeto*, apontando tanto para uma *prática de projeto* engajada e crítica, quanto para uma *prática de ensino* de projeto como campo de experimentações. Esta terceira abordagem, que enfatiza entrecruzamentos de várias ordens, fecha o primeiro bloco das três práticas apresentadas, e inaugura o segundo bloco de apresentações, calcado em inquietações que corroboram com os campos da história, da teoria, e da crítica em arquitetura.



Assim, a quarta comunicação “Narrativas Latino-americanas: pensar com as práticas” explicita e compartilha a experiência construída no âmbito de um projeto de pesquisa desenvolvido juntamente com estudantes de iniciação científica e voluntários, que tem como objetivo investigar a arquitetura produzida na América Latina nas últimas duas décadas a partir de seus diversos processos, e extrair dessa investigação, questões, temáticas e pautas que mobilizem um debate atualizado e situado no âmbito da teoria da arquitetura.

Por fim, a última comunicação “O Projeto como troca cultural” parte de dois emblemáticos projetos construídos no final do século XX e início do sec. XXI no Peru e no Brasil para apontar um problema mais amplo no que tange a história e a historiografia da arquitetura, que é a imposição de categorias classificatórias fixas e imutáveis na leitura e compreensão das obras. O autor propõe, ao contrário, uma maior problematização e uma flexibilização das abordagens historiográficas, incorporando a lógica dos fluxos, intercâmbios, entrecruzamentos, redes e movimentos.

Os trabalhos aqui reunidos, buscam, cada um a seu modo, se colocar criticamente frente aos limites do próprio campo disciplinar e como ele tem respondido à complexa realidade contemporânea. Estes podem inclusive, nos auxiliar a pensar em instrumentos e formatos múltiplos para uma *prática* que seja capaz de atualizar a nossa própria disciplina. Práticas e teorias que não busquem mais necessariamente “ampliar” o campo, mas tensioná-lo, mobilizá-lo, deslocá-lo, estremecê-lo, desestabilizá-lo, assumindo, para tal, a necessidade de *comprometimento da ação*.

## REFERÊNCIAS

RUFINO Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

VIDLER, Anthony. O campo ampliado da arquitetura. In: SYKES, Krista. **O campo ampliado da arquitetura**: Antologia teórica 1993-2009. São Paulo: Cosac Naify, 2013.



## PROJETAR PELO MEIO

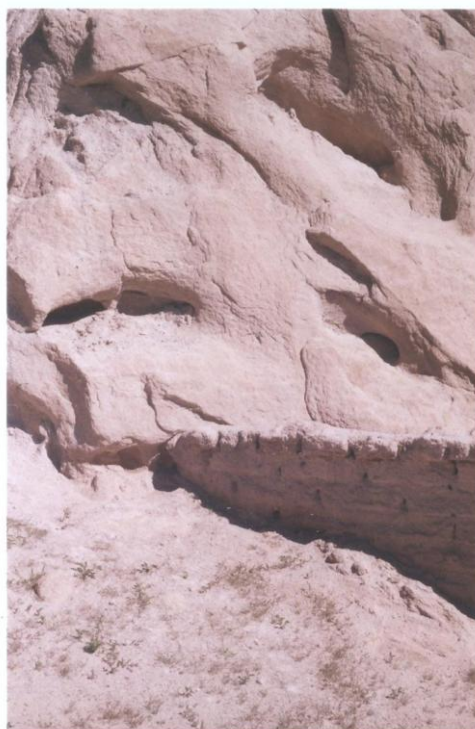


Figura 1 – Foto: Federico Cairolì

Um morro de terra argilosa e chão arenoso e, desse *meio*, um muro em perfeita horizontal revela a topografia e gera uma sombra, condição própria de um projeto de arquitetura. O que mais? Continuidade entre paisagem e edificação, construção de recurso, dissolução e construção de fronteiras, prática como ação de transformação, prática de cuidado, prática afetada pelo meio. Essa imagem, ao norte da Argentina, informa e orienta a fala desta comunicação.

Arquitetas e arquitetos têm posto nossas heranças da arquitetura em um estado sob suspeita de que o modo e a escala de intervenção dessas práticas há um só tempo, vêm se mostrando motivadores das emergências climáticas e insuficientes para bem respondê-las. Com essas desestabilizações, como aprender e desaprender com outros saberes de modo a não incapacitar o nosso, mas ao contrário, enriquecê-lo?

Essa encruzilhada é o que chamamos de um “paradoxo da ação”, isto é, ao mesmo tempo em que a prática predominante da arquitetura está sob suspeita e seus pressupostos desestabilizados, se faz necessário cultivar coletivamente habilidades de resposta. Se reconhecer dentro do problema, não para resolvê-lo, mas para ficar com ele e cultivar constantemente o campo das possibilidades, isto é, aquilo que ainda não é, mas pode vir a ser. Agir, portanto, por hesitação, em paradoxo, por equívoco: aprender fazendo.





Diante desse paradoxo surgem uma série de reações, entre as quais, está aquela de um estado de suspensão, fuga ou paralisia da prática de projeto, pois, afinal, o que fazer? Como fazer? Por que fazer? É justamente contra essa paralisia que nos engajamos. E isso não significa ir contra a escolha de não se fazer nada e continuar construindo deliberadamente; não, a paralisia não possibilita nem essa opção, já que, sabemos, quando há a intenção de não se fazer nada pode ser muito bem uma ação de projeto. Com isso, nos engajamos, ao contrário, em gerar condições de vitalidades, em procurar cultivar modos de poder responder aos problemas, não para resolvê-los, mas para ao menos cultivar a habilidade de resposta.

Como, portanto, começar um projeto de arquitetura? Para a discussão proposta pela sessão temática *outras práticas, outras teorias* queremos apresentar algumas reflexões que surgem *a partir, diante e com* os processos de prática de alguns projetos e experiências do escritório, em particular daquela que temos investigado, que seria a ideia de “projetar pelo meio”.

Pensar o projeto pelo **meio do caminho** significa pensar o projeto a partir das pré-existências, do entendimento de que há agentes outros no local que são inevitáveis de serem levados em conta. Pensar pelo **meio ambiente** está ligado a um projeto atento às condições da paisagem, do clima, do solo, da vegetação e como tais condições podem afetar certos caminhos projetuais. Projetar pelo **meio construtivo** passa por considerar as condições materiais, construtivas e tecnológicas disponíveis no local. Quais meios projetuais podem funcionar em determinada situação, quais procedimentos, escolhas, linhas de ação? Pensar pelo **meio econômico** implica no entendimento da viabilidade de cada projeto e como ela pode influenciar na decisão a ser tomada. O **meio**, portanto, como **recurso** seja ele, temporal, ambiental, material, imaterial, construtivo, projetual, econômico e por aí vai.

Na simultaneidade do movimento do traço de projeto, analisamos as condições particulares de cada projeto, quais as relações envolvidas, os atores participantes, os recursos materiais e projetuais disponíveis, e nos perguntamos com quais procedimentos de projeto, com quais ações, decisões, vamos responder, imaginando os possíveis efeitos, sem abrir mão dos possíveis imprevistos.

A prática apresentada através de projetos do escritório, procura desvelar diversos saberes através de ações e relações, projetos e diálogos, a partir das ações em diversas escalas, programas, contextos e procedimentos de projeto, a prática da arquitetura atua como ferramenta de ação reflexiva, com potencial de transformação das condições socioambientais e de habitabilidade.

Sendo assim, uma prática que exige uma atenção adequada dos recursos disponíveis, das pré-existências arquitetônicas/paisagísticas, dos diversos saberes envolvidos na técnica da construção e da viabilidade econômica. O escritório também trabalha com diversas parcerias nacionais e internacionais a fim de exercitar a prática coletiva, não apenas através de projetos de arquitetura, mas também através de publicações, palestras, exposições e workshops. Acreditamos que a presença do diálogo amplia o campo do conhecimento da atividade e contribui para a constante inquietação projetual do escritório que procura dar continuidade aos precedentes de sua trajetória.



## PERSISTÊNCIAS LATINO-AMERICANAS: CENTRO DE VISITANTES BANCO DOS CAJUAIS

Em 2020, fomos<sup>1</sup> contactados pela Aquasis – Associação de Pesquisa e Preservação de Ecossistemas Aquáticos –, uma ONG que atua na preservação de espécies da fauna do nordeste brasileiro em ameaça de extinção, para elaborar o projeto de um centro de visitação. O espaço serviria para receber instituições, população local e turistas, de forma a apresentar e promover as ações da ONG. Inaugurado em 2022, o Centro de Visitantes Banco dos Cajuais, como foi chamado, é um pequeno pavilhão de aproximadamente 33,00 m<sup>2</sup>, que, pela crescente demanda de visitação, está atualmente passando por uma obra de ampliação, fruto, também, de um projeto que elaboramos entre os anos de 2023 e 2024. Se o primeiro bloco contava apenas com área expositiva, a ampliação incorporou áreas semi-cobertas de venda e estar externo, além de nova área de convivência para públicos maiores e banheiros.



Figura 1 – Centro de Visitantes Banco dos Cajuais - bloco original (2022). Fonte: Igor Ribeiro

A relevância de relatar o processo do projeto do Centro de Visitantes Banco dos Cajuais – tanto o original como sua atual ampliação – está em situar como esse tipo de projeto de pequena escala, mas de grande relevância social para as comunidades em que se inserem, parece fazer parte de um escopo de interesse para a produção contemporânea na América Latina. A região, cujos países são marcados por intensas desigualdades sociais, apresentam, muitas vezes, similaridades no que se refere aos problemas sócio-econômicos que enfrentam, gerando aproximações resultantes de práticas arquitetônicas que lidam com tais questões. Se ao longo

<sup>1</sup> Os autores deste artigo são sócios do escritório rede arquitetos, baseado em Fortaleza-CE, responsável pelo projeto do Centro de Visitantes Banco dos Cajuais, objeto de análise deste trabalho.





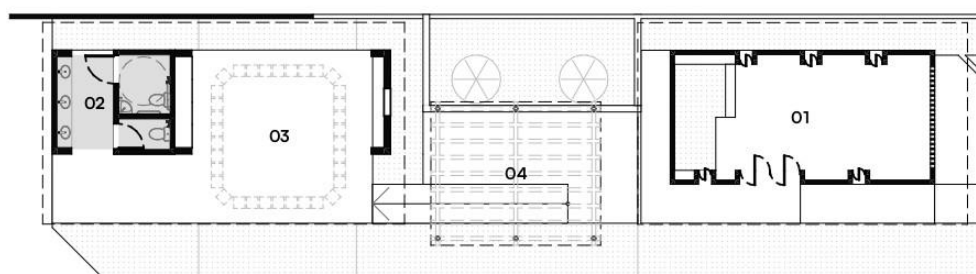
do século XX e durante o auge da produção da arquitetura moderna esses temas eram trabalhados com grandes planos e projetos utópicos de mudança social – até pelo próprio cenário econômico mais propício –, hoje as arquitetas e arquitetos parecem apostar mais em iniciativas de menor escala, muitas vezes relacionados a comunidades, associações ou ONGs, como no caso da Aquasis.

Ao mesmo tempo, a ideia de utopia mantida no passado foi abandonada, à medida que nos tornamos céticos em relação a qualquer grande solução para os problemas. Em vez disso, centramo-nos no poder transformador de intervenções menores e no seu potencial de disseminação. Por essa razão, chamamos agora de consciência social o que antes chamávamos de utopias. Implica uma mudança de escala (projetos menores) e, também, significa que a arquitetura já não afirma ter o poder de mudar qualquer problema social. (CARRANZA; LARA, 2014, p. 354, tradução nossa)

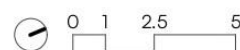
Reforçando, portanto, o caráter disseminador e coletivo desse tipo de atuação, é válido perceber como essa categoria surge quase como uma tipologia de projeto na América Latina – assim como em outras regiões do Sul Global, como pode ser percebido, por exemplo na publicação 'Small Scale: Big Changes' –, independente da função específica a que se destina. Projetos como os desenvolvidos por escritórios e coletivos como os equatorianos Al Borde e Natura Futura, o venezuelano PICO Colectivo ou os trabalhos recentes do Estúdio Flume no Brasil, demonstram como se configura um tipo de atuação típica de enfrentamento a problemáticas tão comuns à América Latina.

Nesses projetos, dois pontos se colocam aqui como objeto de interesse e análise: por um lado, como esses projetos, cujos programas são, em geral, bastante simples, lidam com essa dimensão de uso de uma forma mais estratégica e aberta; e, por outro, como as condicionantes materiais são incorporadas aos projetos, seja através das restrições impostas – de custos, mão de obra ou material – e, também em relação a como incorporam técnicas construtivas vernaculares através de uma leitura contemporânea dessas referências. Essa leitura dialoga com Torrent, Berrini e Solari (2024), que vêem duas persistências nas análises sobre a produção contemporânea na América Latina: a injustiça espacial e a tectônica como noção paradigmática.

Assim, inserindo o projeto do Centro de Visitantes Banco dos Cajuais nessa tipologia, vale uma reflexão de como essas duas persistências latino-americanas se revelam nele. Do ponto de vista do programa, o projeto inicial se tratava apenas de um pavilhão que seria ocupado por exposições das ações da ONG. Como tínhamos um orçamento limitado e não sabíamos ainda como seriam essas exposições, essa simplicidade programática foi transformada em estratégia para se pensar um projeto composto, basicamente, por uma sequência de nichos, capazes de serem ampliados ou diminuídos ao longo do projeto para atender ao orçamento. Essa estratégia de configuração espacial pavilhonar torna o projeto menos um objeto completo, mas um sistema, o que inclusive repercutiu na ampliação, que, apesar de trazer novos programas, seguiu a mesma lógica projetual do edifício original.



**Planta baixa**



espaços e áreas					
01	pavilhão	28.82	03	pavilhão	32.22
02	banheiros	10.05	04	pergolado	23.07
total					94.16

**Figura 2 - Planta do bloco original com ampliação do Centro de Visitantes. Fonte: Acervo rede arquitetos**

Já no que se refere à materialidade, tendo em vista que todo o processo de obra da primeira etapa do projeto foi realizado à distância, devido à pandemia da COVID-19, foi de fundamental importância incorporar técnicas e soluções construtivas comuns à região, além de buscar uma síntese de elementos e simplificação de detalhes. Assim, o projeto foi pensado basicamente a partir da junção de três partes: as paredes em tijolo pintadas de branco, fazendo ela mesma algumas soluções espaciais, como os nichos e os elementos vazados que surgem a partir do desencontro dos tijolos na fachada principal; as esquadrias e estrutura de coberta em madeira local, também simplificadas a fim de reduzir custos; e a cobertura em telha de barro de uma água só. Vale destacar como essa solução, que também segue na linha programática de um sistema de projeto, serviu como diretriz projetual para a ampliação, que parte da mesma lógica construtiva, apesar de possuir algumas especificidades, como áreas molhadas e se tratar de um espaço mais aberto que o centro original.



**Figura 3 – Materialidade do bloco original já construído. Fonte: Igor Ribeiro**





Figura 4 – Materialidade do projeto de ampliação e sua relação com o original. Fonte: Acervo rede arquitetos

Essa reflexão acerca do Centro de Visitantes Banco dos Cajuais se mostra relevante por tentar construir o entendimento do poder da coletividade nesse tipo de projeto na América Latina. A grande relevância desses pequenos projetos pode abrir um campo de exploração para diversos tipos de atuação frente às problemáticas latino-americanas, não no sentido de pensar em grandes obras emblemáticas, como já foi feito no passado, mas de pequenas ações potentes, sistêmicas, coletivas e sustentáveis, mais coerentes com o presente e com o futuro.

## REFERÊNCIAS

- CARRANZA, Luis E. LARA, Fernando Luiz. **Modern Architecture in Latin America**. Art, technology and utopia. Austin: UTSOA, 2014.
- TORRENT, Horacio; BERRINI, María Carla; SOLARI, Claudio Javier. “Episodios inesperados: arquitectura reciente en América Latina”. **A&P Continuidad**, [S. l.], V. 10, N. 19, 2023. DOI: 10.35305/23626097v10i19.434.





## GRUA: PROJETO E PESQUISA

A proposta de participação que apresentamos aqui reúne ideias que transitam dentro do nosso estúdio de projeto desde a sua fundação, em 2013. São questões que interrogam a pertinência da prática em arquitetura nos dias de hoje e nos movem a habitar o campo do projeto propositivamente.

As questões que abordamos foram forjadas a partir de encontros com distintos interlocutores. São, em grande medida, questões coletivas. Entendemos que este percurso formativo é representativo de uma travessia geracional, e que nossas inquietações ressoam em muitos de nossos contemporâneos, e vice-versa.

Gostamos de imaginar que a nossa prática se equilibra a partir de um tripé formado por três pontos de apoio: Pesquisa, Ensino e Projeto. Nosso desejo de trabalhar com arquitetura deriva da relação mutualística entre esses três vetores.

A despeito da fenda que, lamentavelmente, e sobretudo no contexto brasileiro, isola aqueles que projetam/desenham e aqueles que escrevem/pensam – condição extremamente danosa para ambas as partes –, nos interessa explorar a ideia do **projeto como pesquisa**, apontando para uma prática que se propõe a escavar ideias e conceitos, ensejando o pensamento crítico. Por consequência, e em simultâneo, esse movimento nos leva a entender a pesquisa - tradicionalmente acadêmica – também como projeto, ao passo que nela procuramos engendrar procedimentos que trazemos da prática do nosso estúdio. O ensino (de projeto), por sua vez, atividade constante em nossa trajetória, aparece, para nós, como um campo de experimentações, onde os temas incubados no estúdio e nas pesquisas podem ser testados até seu esgarçamento, por disporem de espaço e tempo de elaboração mais alongados.

## GEOGRAFIA E ARQUITETURA

O Rio de Janeiro é nossa cidade natal, onde estamos sediados, e cujo chão pisamos cotidianamente. Praticar projeto neste lugar – o objeto de pesquisa de onde derivam boa parte das questões que provocam nossa arquitetura – depende, em nosso entendimento, necessariamente, da consideração da sua geomorfologia. Isso quer dizer, naturalmente, que fazemos uma prática em relação a essa cidade, mas não somente.

O chão que hoje cobre essa cidade é resultado de um processo contínuo de confrontação da natureza, das inúmeras operações de modificação da geomorfologia original: desmontes de morros na região central, aterramento de lagoas, que determinaram uma cultura de transformação do território que faz pensar na relação da arquitetura com o solo, mas também com o ar e o céu.



Figura 01- Desmonte do Morro do Castelo. Augusto Malta, 1922. Fonte: IMS

Nesta cidade de solo úmido, o chão é categoria de projeto. Se, muitas vezes, é/foi lido no campo da arquitetura, como uma espécie de peso, na tradição e na história, torna-se, nos trabalhos que desenhamos, objeto performático-instalativo, buscando livrar-se dessa condição. Pelo contrário, nas obras que apresentaremos, é fugaz e transitório.

## DURAÇÃO

“...as cidades, embora durem séculos, são na realidade grandes acampamentos de vivos e mortos onde ficam alguns elementos como sinais, símbolos, advertências. Quando a Feira acaba, os restos da arquitetura são farrapos e a areia como novamente a rua. Não resta senão voltar de novo, com obstinação, a reconstruir elementos e instrumentos, aguardando uma próxima festa.” (ROSSI, 2018, p. 22)





Nas arquiteturas, e também nas cidades, convergem diferentes temporalidades que se relacionam em constante tensão entre o que permanece e o que passa. São dimensões que se associam, e, em alguns casos, estabelecem relações de complementaridade. Esse sistema de relações pode estar, em alguma medida, presente no projeto de arquitetura. Vimos perseguindo, em nossa prática, trabalhar de forma a evidenciar esses aspectos.

Nos primeiros anos do atelier desenvolvemos trabalhos de curta-duração que buscaram problematizar a paisagem construída pela ação humana no Rio de Janeiro, projetos que figuram na fronteira entre a arquitetura e a arte, e que nos deram a possibilidade de uma refletir profundamente sobre a dimensão da duração não só dessas, mas de quaisquer arquiteturas.



Figura 02- Cota 10, Grua, 2015. Fonte: Acervo do escritório





Figura 03- De onde não se vê quando se está, Grua, 2017. Fonte: Acervo do escritório

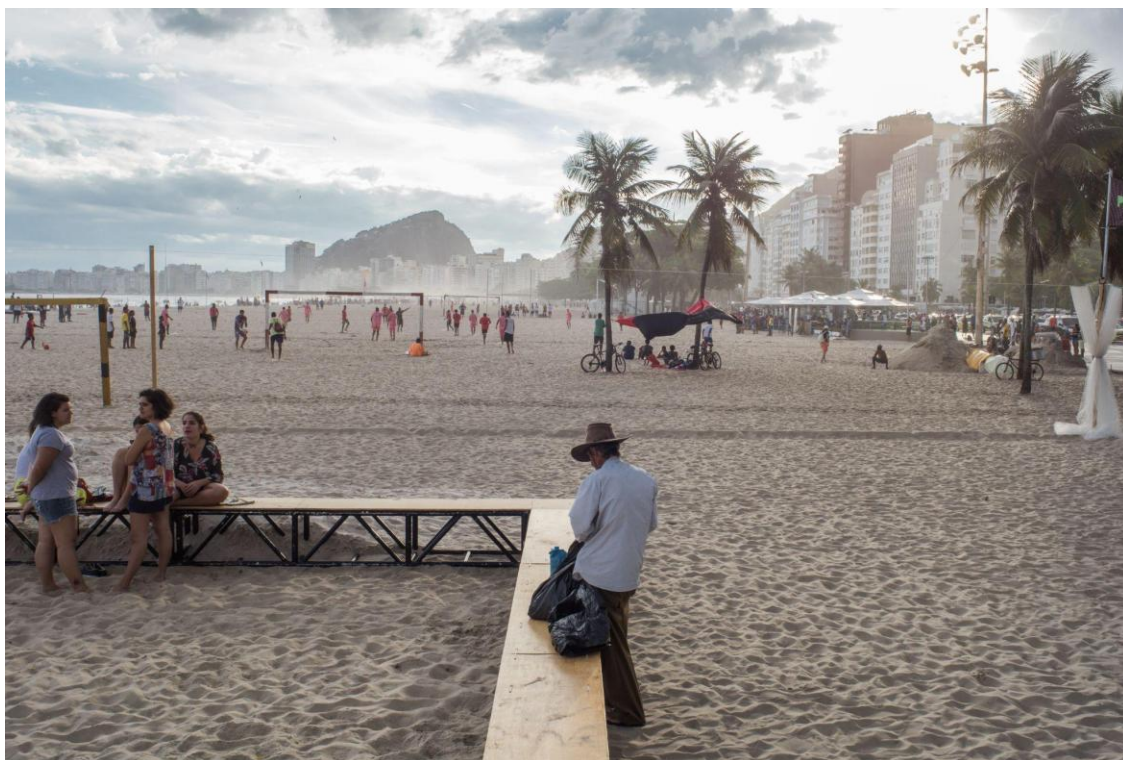


Figura 04- A praia e o Tempo, Grua, 2018. Fonte: Acervo do escritório. Foto: Rafael Salim

Esses trabalhos motivaram a reflexão a respeito do tempo e da duração na arquitetura, tanto enquanto artefato físico, quanto em sua presença na memória de quem habita. Pois em quaisquer arquiteturas há convivência entre distintas dimensões temporais, ou diferentes durações. A arquitetura, enquanto construção, é o espaço de entrelaçamento entre elementos de longa duração – rígidos e de difícil desaparecimento – e outros elementos mais leves, ágeis e, conseqüentemente, de mais fácil manipulação e modificação ao longo do tempo.

Levando isso em conta, passamos a pensar nossa prática a partir da criação de uma arquitetura ligeira, de duplo sentido, atmosférico e cronológico simultaneamente. O atmosférico, tem a ver com o peso e a leveza, questões que envolvem a arquitetura na sua ancestralidade, como questão, disciplina. E a dimensão cronológica, na duração, na temporalidade.

## O TRABALHO DOS OUTROS OU CONTINUIDADE

“Os desafios da sociedade contemporânea parecem estar orientados fundamentalmente para uma cultura da interpretação e da transformação do existente. A cidade contemporânea é uma megaestrutura já construída. Portanto, deveria ser sempre sobre modificá-la, otimizá-la ao invés de artificializá-la.” (LACATON, 2001, pg 173)





Se a cidade do Rio de Janeiro foi/é o repertório-objeto que ensinou arquiteturas de curta duração desenhadas na fase inicial do nosso escritório, é também o solo onde construímos, nos últimos anos, obras mais perenes, como por exemplo pequenas/médias unidades de habitação.

Adotamos como prática estudar o trabalho dos outros, formando o que chamamos de repertório comum. Pensamos nossa prática em continuidade a esses trabalhos, investindo tempo redesenhando plantas e cortes desses projetos, buscando extrair lições que nos permitam enriquecer nosso repertório de projeto.

Além das obras canônicas, para as quais procuramos lançar olhar crítico, este repertório inclui estruturas não necessariamente desenhadas por arquitetas e arquitetos. É o exemplo de estruturas banais e ordinárias que moldam o cotidiano da cidade, como lonas de cobrir, estruturas desmontáveis para comércio de rua, estruturas tubulares de apoio a construções e à realização de grandes eventos, dispositivos de sinalização de tráfego, infraestruturas de transporte, entre outras.

Esse interesse provém, por um lado, da leitura de manifestos retroativos, como o livro “Made in Tokyo”, do Atelier Bow Wow. Por outro, pela pesquisa da obra de Anne Lacaton e Jean Philippe Vassal, que vê nas estruturas ordinárias um fértil campo para o desenvolvimento de sua prática.

Nesse sentido, em nossa apresentação pretendemos elaborar em que medida nossa prática atua como continuidade e não ruptura, aceitando as imperfeições e ambiguidades da cidade, tensionando a ideia de duração na arquitetura, problematizando os pares natureza-cultura, geografia-cidade, tomando a pesquisa como método.

## REFERÊNCIAS

CALAFATE, C; GARCEZ, V; SICURO, J; VARELLA, P. Desmontar, aterrar e perfurar: As ações que transformam e os rastros que permanecem na cidade do Rio de Janeiro. In: CAMACHO, S; FIERRO, LG; KOZLOWSKI, G; ROSA, M. (org) **Muros de Ar**. Fundação Bienal de São Paulo, 2018.

LACATON, A. "Structural Freedom, a precondition for the miracle". **Revista 2G** N.60. Barcelona: Gustavo Gili, 2001.

ROSSI, Aldo. **Autobiografia científica**. Lisboa: Edições 70, 2018.





## NARRATIVAS LATINOAMERICANAS: PENSAR COM AS PRÁTICAS

O presente trabalho busca compartilhar reflexões desdobradas a partir de um entrecruzamento de inquietações – de professores e estudantes de pós-graduação e de graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU UFRJ – no âmbito da Pesquisa Narrativas Latino-Americanas<sup>2</sup>. Esta pesquisa, ainda em andamento, foi iniciada em abril de 2020, em plena crise sanitária de COVID-19, quando estávamos todos em nossas casas, foi uma forma de aproximação de interesses – e de estabelecimento de redes de afeto – enquanto acompanhávamos estarecidos as alarmantes notícias e aguardávamos o retorno às atividades pedagógicas.

Frente à notável constatação de um grande desejo, por parte dos estudantes, de aproximação a práticas de arquitetura contemporânea na América Latina – desejo esse proporcional ao quase completo desconhecimento delas – é que se estabelece esse grupo, dedicado a estudar as últimas duas décadas da produção arquitetônica na América Latina. Com este esforço, buscamos fomentar o debate acadêmico a partir de uma crítica fundamentada sobre a produção arquitetônica no continente latino-americano, contribuindo também para ampliar um repertório de projetos que multiplica possibilidades e incorpora outras perspectivas de mundo, para além daquelas provenientes dos centros hegemônicos da cultura mundial (Europa e Estados Unidos).

Cabe ressaltar que esta pesquisa abrange uma importante discussão sobre a própria noção de “arquitetura latino-americana” ou mesmo a própria ideia de América Latina, que, enquanto conceito abstrato, artificial, arbitrário e estrangeiro, precisa ser repensado e rediscutido constantemente (LARA, 2014). Longe dos estereótipos e das imagens pré-concebidas, percebemos uma colcha de retalhos formada por nossos objetos de estudo que nos fazem pensar que não haja uma só América Latina, tampouco exista uma só arquitetura capaz de representá-la. Nos perguntamos então, o que é a América Latina, afinal? Que fronteiras são essas que aparecem nos mapas? E de que forma elas se impõem sobre a produção arquitetônica? Seria possível entender esse complexo território a partir de suas arquiteturas?

A pesquisa se inicia, a partir da análise arquitetônica das obras no intuito de estabelecer pontos de contato e inflexão entre elas, identificando as narrativas constituídas a partir e *através* delas. Num segundo momento, procuramos criar uma tessitura, uma complexa rede, sobre a qual estas relações se desenvolvem. Essa abordagem tenta criar novas maneiras de olhar a arquitetura, para além das categorias de análise já consolidadas no campo.

A investigação dessas obras não apenas pelo seu produto final (sua realização objetual/formal/espacial), mas, principalmente, a partir da pluralidade de seus *processos* de produção e desafios de viabilização, nos permite perceber a complexidade da trama que envolve essa produção arquitetônica; uma trama que extrapola qualquer contiguidade geográfica, qualquer condicionante paisagístico, físico ou mesmo climático. Partes silenciadas desses processos que, em geral, são pouco visibilizadas, mesmo em grandes obras, tornam-se latentes,

---

<sup>2</sup> Grupo de pesquisa vinculado ao LANA – Laboratório de Narrativas em Arquitetura do PROARQ FAU UFRJ, conta com estudantes de iniciação científica, iniciação artística e cultural, voluntários e pós-graduandos.



na nossa pesquisa, como por exemplo, os diversos atores (para além dos arquitetos que concebem a obra), seus modos de organização; os processos construtivos que se desdobram dos projetos; os recursos envolvidos, dentre outros. Identificamos, por fim, neste conjunto de obras analisadas, novos procedimentos, novas formas de se *pensar-fazer* arquitetura, processos mais colaborativos que deslocam a noção de autoria e que merecem destaque.

Esta análise nos possibilitou entrar em embate direto com a produção arquitetônica em questão, “ir às coisas” (ZEIN, 2011), e compreender as especificidades de cada uma das obras analisadas – para além das diferentes escalas, programas, recursos, lugares, idiomas, regiões, climas, culturas – sendo possível trazer para o debate questões essenciais implícitas nessas obras, como: as diversas relações com o contexto físico e cultural ou com os elementos naturais e sociais que esses edifícios estabelecem, o uso das tecnologias construtivas e as possibilidades de invenção dentro de um contexto de restrição, as vivência produzidas por esses edifícios sem desconsiderar seus agentes principais, e a consequente inserção socioespacial que esses espaços construídos são capazes de gerar, os procedimentos e estratégias para a criação das oportunidades de projeto, entre outros.

Esse mapeamento de temas gerais (por vezes mais ou menos visível nessas obras), lançaram luz a importantes pautas de discussão que permeiam as obras enquanto possibilidade de investigação e questionamento frente às complexidades e contradições das realidades latino-americanas. Uma forma operativa de *pensar com* as práticas.

Neste sentido, três grandes eixos teórico-conceituais foram essenciais para ordenar esses procedimentos: *território*, *memória* e *matéria*. Estes conceitos – amplamente debatidos a partir dos edifícios e de textos teóricos –, atravessavam as obras em maior ou menor medida, se cruzando, permeando, coexistindo, e revelando assim, a complexidade e a pluralidade delas. Como que em um desdobramento, estas categorias – iniciais, não estanques, transitórias, em construção – puderam ser entrecruzadas e possibilitaram novas chaves de leitura das próprias obras e outras formas possíveis de reagrupamentos: Memória da Matéria, Memória do Território, Matéria do Território, Paisagens, Territórios da coletividade, Articulações Urbanas, Habitar Densidades, Outros Fazeres e Ancestralidades<sup>3</sup>. Essa categorização, por natureza transitória, torna-se temporariamente operativa para a construção de mapas crítico-analíticos e também informativos com a espacialização desses processos levantados buscando dar visibilidade a redes até então invisibilizadas.

Cabe ressaltar que esta pesquisa, em constante processo de formulação, busca dar uma pequena contribuição na busca pela consolidação de um importante debate que parece ser urgente e necessário, que é a produção em arquitetura contemporânea na América Latina, a partir da diversidade e da pluralidade de seus processos. Uma discussão que possa, de alguma forma, transcender os limites acadêmicos e reverberar para além dele; ou ainda, que possa

---

<sup>3</sup> Estabeleceram-se dois dispositivos a partir desta experiência: o evento intitulado “Diálogos Habitar a América Latina”, que ocorreu nos eventos preparativos da UIA2021RIO (<https://redbaal.org/habitar-america-latina/>) e a “Exposição Digital Arquitetura Contemporânea na América Latina” (<https://nowamastudio.wixsite.com/exporedbaal>)



partir das próprias realidades profissionais e de reinvenção do campo disciplinar, invadir a academia num constante processo de retroalimentação e dissolução de fronteiras.

## REFERÊNCIAS

CARRANZA, Luis E; LARA, Fernando Luiz. **Modern Architecture in Latin America: Art, technology and Utopia**. Austin: University of Texas Press, 2014.

ZEIN, Ruth Verde. Uma crítica ética e pragmática, uma teoria operativa e referenciada, possíveis e necessários instrumentos para o ensino de projeto de arquitetura. **V Encontro de Teoria e História de Arquitetura**, RS. 2000.

ZEIN, Ruth Verde. Há que se ir às coisas: revendo as obras. In: ROCHA-PEIXOTO, Gustavo; BRONSTEIN, Laís; OLIVEIRA, Beatriz Santos de; LASSANCE, Guilherme (org.). **Leituras em teoria da arquitetura, 3: objetos**. Rio de Janeiro: Rio Books; FAPERJ, 2011. p. 204-236.





## O PROJETO COMO TROCA CULTURAL

Esta comunicação começa por uma comparação entre duas obras de arquitetura que compartilham de uma mesma identidade continental, porém, são de datas e contextos distintos e oriundos de realidades socioculturais bastante diversos. Construídos no século final do século XX e início do sec. XXI, em países latino-americanos, especificamente, Peru e Brasil, e abrigam programas culturais e tem fortes qualidades tectônicas.



Fig. 1 – Museu Lugar de Memória, Tolerância e Inclusão Social – BARCLAY & CROUSSE – 2010-2015



Fig. 2 – Museu Brasileiro da Escultura/MUBE – PAULO MENDES DA ROCHA – 1986-1995

MUBE de Paulo Mendes da Rocha e do Museu Lugar de Memória, Tolerância e Inclusão Social de BARCLAY&CROUSSE Architecture destacam-se pela similaridade entre projetos: esplanada aberta e cobertura suspensa, volumetria reclusa/espacialidade aberta, decomposta em terreno em declínio, acima de tudo, a evidência da materialidade da construção. Nesse jogo de identidade e diferença, a presente comunicação busca refletir sobre as possibilidades de trânsito cultural como modo de superar a dicotomia global/local.

No Brasil, toda vez que se menciona concreto aparente na arquitetura, remete-se quase que automaticamente à arquitetura paulista produzida a partir de meados da década de 1950, para o que se convencionou chamar “arquitetura brutalista”, cujas referências são as obras de Vilanova Artigas e de Paulo Mendes da Rocha. Não obstante as crises do movimento moderno desde o segundo pós-guerra, a ideologia e a estética modernas mantém muitos dos seus compromissos heroicos e dos fundamentos de seu partido, daí a longevidade e influência de Mendes da Rocha na nova geração de arquitetos, não restritos, diga-se, ao ambiente paulista.

As referências históricas do brutalismo em arquitetura são conhecidas, tendo sua “origem” no ambiente inglês do segundo pós-guerra a partir das obras do casal Peter e Alison Smithson e dos escritos do crítico e historiador Reyner Banham. Trata-se, como observou Ruth Verde Zein<sup>4</sup>, de um discurso fundador assinalando um lugar e um conjunto de obras e arquitetos, cuja função é estabelecer a origem de um fenômeno, logo de um argumento de autoridade, na medida em que todos os casos similares que se seguirem, a ele se remeteriam enquanto momento inaugural

<sup>4</sup> ZEIN, Ruth Verde. Brutalismo, sobre sua definição (ou, de como um rótulo superficial é, por isso mesmo, adequado). *Arquitextos*, 084.00, maio de 2007. Portal Vitruvius <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.084/243>



de uma tradição ou estilo. Todo um esforço de definição se constitui, como se tal produção seguisse princípios coesos e, por isso, passíveis de serem mantidos e sustentados, não importa o contexto em que ocorressem.

Indiscutivelmente, o “estilo brutalista” teve grande aceitação nas décadas de 1960 e 70, em inúmeros continentes, em particular na América Latina, onde foram construídas obras exemplares em países como México, Cuba, Colômbia, Venezuela, Chile, Uruguai, Argentina e Brasil. Não obstante tal sucesso mundial, ao longo das décadas seguintes, as obras brutalistas sofreram fortes críticas, acusadas de rigidez espacial, falta de flexibilidade e fracasso em suas proposições sociais, o que motivou rejeição por parte das instituições, do Estado e do público em geral. Não restava outra ação a não ser a destruição.

Surpreende, portanto, a quantidade de obras recentes que, em aparência, mantem-se conectadas à linguagem do brutalismo.

No entanto, nas duas últimas décadas do século XXI, o movimento brutalista passou por uma revisão historiográfica<sup>5</sup> motivada sobretudo pela ameaça de demolição de inúmeras obras, como o caso do celebre conjunto Robin Hood Gardens, do casal Alison e Peter Smithson. Colocou-se em pauta o debate sobre a herança brutalista e a necessidade de sua preservação.

Dentro desse quadro historiográfico, mas deslocando o debate, Adrian Forty publicou em 2012 *Concrete and Culture: a material history*<sup>6</sup>. À primeira vista, parecia ser uma volta à história material da arquitetura, sendo esta epifenômeno da técnica. A diferença foi ver a forma material como signo cultural, nesse sentido, apresentando uma abordagem mais próxima da concepção antropológica de cultura.

Historicamente, a qualidade estrutural foi o principal valor do novo material, liberando a arquitetura moderna para construção de vãos livres e volumes abertos. Pode-se dizer mesmo que o conceito de estrutura se autonomiza, quando se torna independente da vedação, como propagado por Le Corbusier. Mas dado que sua confecção se dá por moldagem, o concreto abriu igualmente inúmeras possibilidades formais de configuração, podendo ser explorado em termos decorativos como no Art Nouveau ou pelas qualidades plásticas, como em tantas obras de Oscar Niemeyer.

Não cedendo a determinações historicistas ou estilísticas, o concreto para Forty tem uma tradição que remonta ao século XIX, assumindo as mais variadas conformações e sentidos, dentre as quais o brutalismo é apenas uma de suas expressões. Não a inaugural, muito menos a definitiva, tão somente um ponto de passagem, uma variação entre tantas outras.

Esta comunicação pretende colocar em questão os vícios da história e da historiografia da arquitetura ao buscar impor categorias classificatórias que convertem as obras em meros exemplares de narrativas legitimadoras de dicotomias em que sempre se parte de um centro

<sup>5</sup> Ver HENLEY, Simon. *Redefining Brutalism*. Newcastle upon Tyne: RIBA Publishing, 2017.

<sup>6</sup> Ver FORTY, Adrian. *Concrete and Culture: a material history*. Reaktion Books, 2012.





rumo a periferia. Não se detendo aí, contudo, mas indo um passo adiante, mais além da crítica à teoria da influência, para investigar modos específicos em que as trocas culturais latino-americanas se organizam e se ampliam no campo arquitetônico, assinalando produtivamente similaridades em meio às diferenças, que tornam inócuas e anacrônicas categorias historiográficas vigentes. O que quer dizer, conceber o ato do projeto muito mais como um entrecruzamento de autorias, referências, imagens, culturas e escolas.

Nesse fluxo contínuo de intercâmbios constitui-se uma rede de sociabilidades em que não faz mais sentido conceber vetores de influência dominantes que indiquem a direção a ser seguida, já que nos processos intersubjetivos quem fala e quem ouve devem se colocar em condições de paridade.

## REFERÊNCIAS

FORTY, Adrian. **Concrete and Culture**: a material history. Reaktion Books, 2012.

HENLEY, Simon. **Redefining Brutalism**. Newcastle upon Tyne: RIBA Publishing, 2017.

ZEIN, Ruth Verde. Brutalismo, sobre sua definição (ou, de como um rótulo superficial é, por isso mesmo, adequado). *Arquitextos*, 084.00, maio de 2007. **Portal Vitruvius**  
<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.084/243>